

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 1 - O tempo do retorno

2 Crônicas 26.22 e 23 e Esdras caps. 1 a 3

Elaborado por Gerson Berzins
(gerson@pibrj.org.br)

Do ponto de vista histórico, a Bíblia relata o surgimento e o desenvolvimento do povo hebreu. Começa com Abraão, de quem todo judeu se considera descendente; passa pelo clã formado por Jacó e seus filhos, que dão origem às doze tribos de Israel; atravessa os cerca de quatrocentos anos no Egito, onde o clã se multiplica e ganha dimensões de povo; e de onde sai para tomar posse da terra que por herança divina foi prometido desde Abraão.

O relato histórico continua nas terras de Canaã, apresentando as dificuldades, desafios e vitórias de um povo construindo a sua nação. Assim, sabemos dos conturbados tempos dos juízes; da glória dos grandes reis Davi e Salomão; da tragédia da secessão do reino que se divide; do fim do Reino do Norte; e da invasão babilônica contra Jerusalém e o Reino do Sul.

Essa perspectiva secular, de início, florescimento e ocaso de um povo retratam em seus pontos essenciais a experiência comum de civilizações, grandes e pequenas que foram importantes em certo período da história, e depois desaparecem, algumas por razões até hoje não conhecidas. No entanto, há algo de diferente na saga do povo hebreu, que entendemos ser a mão de Deus dirigindo seu destino e cuidando daqueles que Ele mesmo escolheu para ser o seu povo peculiar, a sua nação separada (Ex 19.6). Assim, quando Judá se curva quebrado ao poderio avassalador de Nabucodonozor da Babilônia, não é o fim da sua história, como o senso comum indicaria, mas apenas um intervalo, intervalo provocado e direcionado por Deus, devidamente

anunciado ao povo pelos profetas. É Jeremias que anuncia a duração do exílio babilônio em 70 anos. É Isaias, na segunda parte do seu livro, que revela Ciro como o libertador. É Daniel, que, vivendo na Babilônia, acompanha com grande expectativa o cumprimento do tempo para o retorno.

Esse retorno do exílio, essa restauração da nação judaica é o tema do estudo trimestral que aqui começamos. O que sabemos dessa época é apresentado na Bíblia nos livros de Esdras, Neemias e Ester, que são objeto desta série. Adicionalmente, os escritos de três profetas que atuaram no período nos ajudam a compreendê-lo: Ageu, Zacarias e Malaquias. Outros três profetas, que vivenciaram aspectos do exílio também podem ser buscados como referência: Jeremias, Ezequiel e Daniel.

Ao estudar a Bíblia, o nosso enfoque primário não deve ser o relato histórico. Gastamos tempo com a Bíblia para conhecer melhor a Deus e para perscrutar a Sua vontade para nós. O desenvolvimento da história humana, por mais emocionante que seja, como é o caso da civilização judaica, apenas deve nos interessar como pano de fundo da atuação divina. Cremos em Deus como condutor e Senhor da história, ligado nos acontecimentos humanos e intervindo no curso dos fatos sempre que deseja.

Portanto, o primeiro destaque a fazer nesse estudo deve dizer respeito à perseverança e esperança inerentes às promessas divinas.

Vamos ao texto bíblico, dos primeiros três capítulos de Esdras. Há uma

continuidade de relato que começa no último capítulo do livro precedente, 2 Crônicas, onde nos é explicada a destruição de Jerusalém, o exílio, a promessa profética da restauração, e a sua efetivação **“no primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia”** (1.1). Esta é a perspectiva humana da história. Logo após, o verso 5 nos fala da perspectiva divina para o retorno: **“todos aqueles cujo espírito Deus despertou, para subirem a edificar a casa do Senhor que está em Jerusalém.”** Atentemos para o panorama: 70 anos antes, um grupo de judeus, da elite de Jerusalém é tirada, sob força, da sua terra e transplantada para o território babilônio. No fundo, não foi uma coisa de todo má, pois os babilônios, ao contrário dos assírios, eram conquistadores civilizados e permitiram aos judeus ficar juntos, organizar suas vidas e até prosperar no seu novo local de assentamento. Alguns devem ter se enriquecido. Alguns se tornaram proeminentes na administração pública - é só lembrar Daniel ou Mardoqueu. O passado para eles ecoava apenas pelas notícias de uma Jerusalém destruída, desabitada, e utilizada como posto comercial pela gente de seu redor. Qual a motivação para voltar? Porque deixar o conforto e a prosperidade que a Babilônia lhes propiciava para tentar uma reconstrução do passado? Porque alguns entraram nessa aventura que vai contra a lógica? A resposta, penso que encontramos no livro de Daniel, no seu capítulo 9. Daniel confere a profecia de Jeremias a respeito dos 70 anos de exílio, e percebe que o período está por terminar. Ele ora pela restauração, ansiosamente aguardando por ela. Entendemos que nessa altura da sua vida, Daniel era idoso, e por isso, ou por outra razão, não considera retornar à sua Jerusalém, mas mesmo assim espera pelo cumprimento da promessa da restauração. Como ele, muitos outros fiéis se alimentam da mesma expectativa. Quando a oportunidade surge, estes estão prontos para a empreitada, animados espiritualmente e dispostos a tomar os riscos associados,

na certeza de que estavam agindo para tornar efetiva a promessa divina.

Vamos deixar a imaginação nos ajudar e nos ver na Babilônia dos dias finais de preparativos da viagem: Você vai? Você não vai? Por que você decidiu assim? Os que não podiam ir colocam suas esperanças nos que iam. Os que iam carregam nas suas bagagens as expectativas dos que decidem ficar. Imagino se Zorobabel, o líder dos que voltam se encontra com Daniel antes da partida. Nada na Bíblia indica esse encontro, mas nada o torna impossível. Zorobabel deveria ser da realeza judaica, tal como Daniel. Se o encontro ocorreu, Daniel teria dito: “Não posso voltar, mas a minha esperança vai contigo. Vá e torne real a promessa. Reconstrua a cidade; reabra o templo; deixe Jerusalém voltar a ser o que ela deve ser. Zorobabel, eu não posso, mas você é o meu herdeiro espiritual. Você vai fazer o que gostaria de poder fazer.”

E nós, somos também da mesma linhagem de Daniel e de Zorobabel. A linhagem daqueles que aguardam o cumprimento das promessas divinas. Mais do que aguardam, agem e trabalham para que as promessas divinas se tornem realidade histórica.

É nessa perspectiva que desejo convidá-los a continuar essa série de estudos, fazendo-nos companheiros de jornada daqueles que se põem em marcha, despertados pelo espírito de Deus.